

# CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE FAREWELL

POSFÁCIO

Vagner Camilo

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro

Sobre detalhe da obra *O miolo da água*,  
de Paulo Monteiro, aquarela sobre papel,

37,5 × 27,9 cm, 2011

Latin American and Caribbean Fund.

Digital image © 2016 The Museum of Modern Art,  
Nova York/Scala, Florence

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Ana Maria Alvares

REVISÃO

Huendel Viana

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Farewell/ Carlos Drummond de Andrade; posfácio  
Vagner Camilo — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das  
Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2760-3

1. Poesia brasileira 1. Camilo, Vagner. II. Título.

16-04493

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.1

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

## Sumário

9	Unidade
10	A carne envilecida
11	A casa do tempo perdido
12	Acordar, viver
13	A grande dor das cousas que passaram
14	A ilusão do migrante
16	A loja feminina
18	Aparição amorosa
20	Aristocracia
21	Arte em exposição
26	As identidades do poeta
28	A um ausente
29	Bordão
30	Cabaré Palácio
32	Canção final
33	Canção flautim
36	Coração-de-Carlos
37	Desligamento
38	Diante de uma criança
40	Dois sonhos
41	Duração
42	Elegia a um tucano morto
43	Enumeração
44	Escravo em Papelópolis
45	Fera
46	Fora de hora
47	Glaura revivida
48	Imagem, terra, memória
51	Invocação irada
52	Liberdade
53	Missão do corpo
54	Não passou

55	Noite de outubro
56	O malvindo
58	O peso de uma casa
59	O rei menino
61	O segundo, que me vigia
62	Os vasos serenos
63	Os 27 filmes de Greta Garbo
66	Perturbação
67	Por quê?
68	Queda
69	Reinauguração
70	Restos
71	Romancetes
73	Sono limpo
74	Tânatos tanajura
76	Verbos
77	Zona de Belo Horizonte, anos 20
79	Posfácio
	<i>As ressonâncias do breve adeus,</i>
	VAGNER CAMILO
93	Leituras recomendadas
94	Cronologia
100	Crédito das imagens
101	Índice de primeiros versos

**FAREWELL**

## UNIDADE

As plantas sofrem como nós sofremos.  
Por que não sofreriam,  
se esta é a chave da unidade do mundo?

A flor sofre, tocada  
por mão inconsciente.  
Há uma queixa abafada  
em sua docilidade.

A pedra é sofrimento  
paralítico, eterno.

Não temos nós, animais,  
sequer o privilégio de sofrer.

## A CARNE ENVILECIDA

A carne encanecida chama o Diabo  
e pede-lhe consolo. O Diabo atende  
sob as mil formas de êxtase transido.  
Volta a carne a sorrir, no vão intento  
de sentir outra vez o que era graça  
de amar em flor e em fluida beatitude.  
Mas os dons infernais são novo agravo  
à envilecida carne sem defesa,  
e nada se resolve, e o aroma espalha-se  
de flores calcinadas e de horror.

## A CASA DO TEMPO PERDIDO

Bati no portão do tempo perdido, ninguém atendeu.

Bati segunda vez e outra mais e mais outra.

Resposta nenhuma.

A casa do tempo perdido está coberta de hera  
pela metade; a outra metade são cinzas.

Casa onde não mora ninguém, e eu batendo e chamando  
pela dor de chamar e não ser escutado.

Simplesmente bater. O eco devolve  
minha ânsia de entreabrir esses paços gelados.

A noite e o dia se confundem no esperar,  
no bater e bater.

O tempo perdido certamente não existe.

É o casarão vazio e condenado.



## ACORDAR, VIVER

Como acordar sem sofrimento?  
Recomeçar sem horror?  
O sono transportou-me  
àquele reino onde não existe vida  
e eu quedo inerte sem paixão.

Como repetir, dia seguinte após dia seguinte,  
a fábula inconclusa,  
suportar a semelhança das coisas ásperas  
de amanhã com as coisas ásperas de hoje?

Como proteger-me das feridas  
que rasga em mim o acontecimento,  
qualquer acontecimento  
que lembra a Terra e sua púrpura  
demente?  
E mais aquela ferida que me inflijo  
a cada hora, algoz  
do inocente que não sou?

Ninguém responde, a vida é pétrea.

## A GRANDE DOR DAS COUSAS QUE PASSARAM

A grande dor das cousas que passaram\*  
transmutou-se em finíssimo prazer  
quando, entre fotos mil que se esgarçavam,  
tive a fortuna e graça de te ver.

Os beijos e amavios que se amavam,  
descuidados de teu e meu querer,  
outra vez refluindo, esvoaçaram  
em orvalhada luz de amanhecer.

Ó bendito passado que era atroz,  
e gozoso hoje terno se apresenta  
e faz vibrar de novo a minha voz

para exaltar o redivivo amor  
que de memória-imagem se alimenta  
e em doçura converte o próprio horror!

\* Verso de Camões. (N. A.)

## A ILUSÃO DO MIGRANTE

Quando vim da minha terra,  
se é que vim da minha terra  
(não estou morto por lá?),  
a correnteza do rio  
me sussurrou vagamente  
que eu havia de quedar  
lá donde me despedia.

Os morros, empalidecidos  
no entrecerrar-se da tarde,  
pareciam me dizer  
que não se pode voltar,  
porque tudo é consequência  
de um certo nascer ali.

Quando vim, se é que vim  
de algum para outro lugar,  
o mundo girava, alheio  
à minha baça pessoa,  
e no seu giro entrevi  
que não se vai nem se volta  
de sítio algum a nenhum.

Que carregamos as coisas,  
moldura da nossa vida,  
rígida cerca de arame,  
na mais anônima célula,  
e um chão, um riso, uma voz  
ressoam incessantemente  
em nossas fundas paredes.

Novas coisas, sucedendo-se,  
iludem a nossa fome  
de primitivo alimento.  
As descobertas são máscaras  
do mais obscuro real,  
essa ferida alastrada  
na pele de nossas almas.

Quando vim da minha terra,  
não vim, perdi-me no espaço,  
na ilusão de ter saído.  
Ai de mim, nunca saí.  
Lá estou eu, enterrado  
por baixo de falas mansas,  
por baixo de negras sombras,  
por baixo de lavras de ouro,  
por baixo de gerações,  
por baixo, eu sei, de mim mesmo,  
este vivente enganado, enganoso.

## A LOJA FEMININA

Cinco estátuas recamadas de verde  
na loja, pela manhã, aguardam o acontecimento.  
É próprio de estátuas aguardar sem prazo e cansaço  
que os fados se cumpram ou deixem de cumprir-se.  
Nenhuma ruga no imobilismo  
de figurinos talhados para o eterno,  
que é, afinal, novelo de circunstâncias.

Iguais as cinco, em postura vertical,  
um pé à frente do outro quase suspenso  
na hipótese de voo, que não se consumará,  
em direção da porta sonora  
a ser aberta para alguém desconhecido  
— Vênus certamente, face múltipla —  
assomar em tom de pesquisa,  
apontando o estofo, o brinco, o imponderável  
que as estátuas ocultam em sigilo de espelhos.

Passaram a noite em vigília,  
nasceram ali, habitantes de aquário,  
programadas em uniformes verde-musgo  
para o serviço de bagatelas imprescindíveis.

Sabem que Vênus, cedo ou tarde,  
provavelmente tarde e sem pintura,  
chegará.  
Chega, e o simples vulto  
aciona as esculturas.

Ao cintilar de vitrinas e escaninhos,  
objetos deixam de ser inanimados.  
Antes de chegar à pele rósea,

a pulseira cinge no ar o braço imaginário.  
O enfeite ocioso ganha majestade  
própria de divinos atributos.  
Tudo que a nudez torna mais bela  
acende faíscas no desejo.  
As estátuas sabem disto e propiciam  
a cada centímetro de carne  
uma satisfação de luxo erótico.

O ritmo dos passos e das curvas  
das cinco estátuas vendedoras  
gera no salão aveludado  
a sensação de arte natural  
que o corpo sabe impor à contingência.  
Já não se tem certeza se é comércio  
ou desfile de ninfas na campina  
que o *spot* vai matizando em signos verdes  
como tapeçaria desdobrante  
do verde coletivo das estátuas.

Hora de almoço.  
Dissolve-se o balé sem música no recinto.  
Não há mais compradoras. Hora de sol  
batendo nos desenhos caprichosos  
de manso aquário já marmorizado.  
As estátuas regressam à postura  
imóvel de cegonhas ou de guardas.  
São talvez manequins, de moças que eram.  
O viço humano perde-se no artifício  
de coisas integrantes de uma loja.  
Se estão vivas, não sei. Se acaso dormem  
o dormir egípcio de séculos,  
se morreram (quem sabe), se jamais  
existiram, pulsaram, se moveram,  
não consigo saber, pois também eu  
invisível na loja me dissolvo  
nesse enigma de formas permutantes.

## APARIÇÃO AMOROSA

Doce fantasma, por que me visitas  
como em outros tempos nossos corpos se visitavam?  
Tua transparência roça-me a pele, convida  
a refazermos carícias impraticáveis: ninguém nunca  
um beijo recebeu de rosto consumido.

Mas insistes, doçura. Ouço-te a voz,  
mesma voz, mesmo timbre,  
mesmas leves sílabas,  
e aquele mesmo longo arquejo  
em que te esvaías de prazer,  
e nosso final descanso de camurça.

Então, convicto,  
ouço teu nome, única parte de ti que não se dissolve  
e continua existindo, puro som.  
Aperto... o quê? A massa de ar em que te converteste  
e beijo, beijo intensamente o nada.

Amado ser destruído, por que voltas  
e és tão real assim tão ilusório?  
Já nem distingo mais se és sombra  
ou sombra sempre foste, e nossa história  
invenção de livro soletrado  
sob pestanas sonolentas.  
Terei um dia conhecido  
teu vero corpo como hoje o sei  
de enlaçar o vapor como se enlaça  
uma ideia platônica no espaço?

O desejo perdura em ti que já não és,  
querida ausente, a perseguir-me, suave?

Nunca pensei que os mortos  
o mesmo ardor tivessem de outros dias  
e no-lo transmitissem com chupadas  
de fogo aceso e gelo matizados.

Tua visita ardente me consola.  
Tua visita ardente me desola.  
Tua visita, apenas uma esmola.



## ARISTOCRACIA

O Conde de Lautréamont  
era tão conde quanto eu,  
que sendo o nobre Drummond  
valho menos que um plebeu.

## ARTE EM EXPOSIÇÃO

CASAMENTO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

COM A POBREZA (*Sassetta*)

O amor te escolheu  
por seres a mais casta  
entre virgens ideais.  
A união é do ar  
e da água e do pão  
em migalhas.

AUTORRETRATO (*Soutine*)

Sou eu ou não sou eu?  
Sou eu ou sou você?  
Sou eu ou sou ninguém,  
e ninguém me retrata?

MÚSICOS CEGOS (*Velázquez*)

Violino e guitarra são videntes,  
olham pelos olhos dos cantantes.

RETRATO DE MADAME HÉBUTERNE (*Modigliani*)

Plantada na torre do pescoço,  
a cabeça, na altura,  
mal percebe nossas inquietações de planície.

O GRITO (*Munch*)

A natureza grita, apavorante.  
Doem os ouvidos, dói o quadro.

LEDA (*Da Vinci*)

Já gozaste demais, diz Leda ao cisne.  
Que venha logo Jove cataclismo.

GENTIL HOMEM BÊBADO (*Carrà*)

De Baudelaire o conselho:

É preciso estar sempre bêbado.

Além do imaginário e do real

é preciso estar sempre sóbrio

para pintar a bebedeira.

ODALISCA VERMELHA (*Matisse*)

A indolência da odalisca em rosa rubra

respira paz de lânguido fervor.

A sensualidade se dilui:

pura cor.

A CADEIRA (*Van Gogh*)

Ninguém está sentado,

mas adivinha-se o homem angustiado.

A CIGANA ADORMECIDA (*Henri Rousseau*)

Para te acordar

do sono profundo

disfarço-me: leão

que ao te roçar

esquece a missão.

A PONTE DE MANTES (*Corot*)

Assim quisera eu ser:

ponte árvore canoa água serena

ignorante de tudo mais bem longe.

A ANUNCIAÇÃO (*Fra Angelico*)

O anjo desprende-se da arquitetura

para dar a notícia

precisamente conforme a traça

de sublime arquiteto.

ALMOÇO SOBRE A RELVA (*Manet*)

Conversamos placidamente

junto da nudez  
que pela primeira vez  
não nos alucina.

VÊNUS E O ORGANISTA (*Ticiano*)  
O som envolve a nudez  
e chega ao cachorrinho.  
O músico esquece a partitura.  
As pulseiras de Vênus não escutam.

TIRADENTES (*Portinari*)  
Fez-se a burocrática justiça.  
O trono dorme invencível vingado.  
Postas de carne do sonhador  
referem o caminho das minas.

CAFÉ NOTURNO (*Van Gogh*)  
Alucinação de mesas  
que se comportam como fantasmas  
reunidos  
solitários  
glaciais.

TRANSVERBERAÇÃO DE SANTA TERESA (*Bernini*)  
Visão celestial, doce delírio.  
Da cabeça aos pés nus  
êxtase (orgasmo?) relampeia.

RETRATO DO CASAL ARNOLFINI (*Jan van Eyck*)  
A imagem reproduz-se até o sem-fim.  
O casal sem filhos  
gera continuamente nos espelhos  
a imagem de perpétuo casamento.

SALOMÉ (*Giorgione*)  
Que instinto maternal, que suavidade  
embala esta cabeça decepada?

VÊNUS ADORMECIDA (*Giorgione*)

Acalenta no sono  
o púbis acordado.

JARDIM DO MANICÔMIO (*Van Gogh*)

O jardim onde passeia a ausência de razão  
é todo ele ordem natural.  
A terra acolhe o desvario  
que assimila a verdura e a leveza do ar.

VOLTAIRE (*Houdon*)

O mundo não merece gargalhada. Basta-lhe  
sorriso de descrença e zombaria.

SAPATOS (*Van Gogh*)

Cansaram-se de caminhar  
ou o caminho se cansou?

AUTORRETRATO COM COPO DE VINHO (*Chagall*)

Seja celebrada a alegria nas alturas  
por cima dócil das mulheres.  
A cavalo melhor se chega ao céu.

QUADRO I (*Mondrian*)

Universo passado a limpo.  
Linhas tortas ou sensuais desaparecem.  
A cor, fruto de álgebra, perdura.

CARNAVAL DE ARLEQUIM (*Miró*)

Descobri que a vida é bailarina  
e que nenhum ponto inerte  
anula o viravoltar das coisas.

FUZILAMENTO NA MONCLOA (*Goya*)

Balé de tiros gritos corpos derrubados.  
A lanterna tranquila  
acena para a esperança da Ressurreição.

AS TRÊS GRAÇAS (*Rubens*)  
Curvilíneos volumes se consultam  
e concluem:  
Beleza é redundância.

PIETÀ (*Miguel Ângelo*)  
Dor é incomunicável.  
O mármore comunica-se,  
acusa-nos a todos.

A DUQUESA DE ALBA (*Goya*)  
Ser o cachorrinho da Duquesa  
é de certo modo  
ser uma partícula da Duquesa.

GIOCONDA (*Da Vinci*)  
O ardiloso sorriso  
alonga-se em silêncio  
para contemporâneos e pósteros,  
ansiosos, em vão, por decifrá-lo.  
Não há decifração. Há o sorriso.

RETRATO DE ERASMO DE ROTTERDAM  
(*Quentin Metsys*)  
Santidade de escrever,  
insanidade de escrever  
equivalem-se. O sábio  
equilibra-se no caos.